

## REPRODUZIR O LUGAR: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA GRAVURA EM RELEVO

VITOR MATHEUS SANDI SARAIVA<sup>1</sup>; KELLY WENDT<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – vitorsaraiva621@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa retrata frutos de uma produção artística desenvolvida a partir dos processos poéticos do autor ao longo do curso de Artes Visuais Bacharelado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Considerando a linguagem da gravura para embasar essa pesquisa, realizando uma série de trabalhos de arte visual que enfrentam o tradicional dessa linguagem, usando técnicas alternativas de gravura em relevo como a frottage<sup>1</sup> e o carimbo. Aqui será discutido o processo criativo do trabalho embasado em provocações e reflexões poético-visuais.

Em um panorama geral, o trabalho **Rua Dois, 115** (Figura 1) aqui percorre por observações de pesquisa sobre as práticas de gravura contemporânea, o trabalho desvia-se das técnicas tradicionais, com o uso da frottage e o campo ampliado, tornando-se instalação. O trabalho traz referências da artista-pesquisadora Lurdi Blauth (2010).



**Figura 1: Vitor Saraiva. Rua Dois, 115".** Instalação. Dimensões variáveis. Fonte: Produção do Autor, 2024.

As frotagens são realizadas a partir das superfícies encontradas nos lugares de convivência de convivência social, ou seja, trato nessas questões da gravura relevo, o lugar impresso, habitado e construído (por corpos e objetos), o cotidiano humano incorporado na reprodução das imagens e a familiaridade presente no reconhecimento desses ambientes.

### 2. METODOLOGIA

Para a confecção das impressões, a composição visual é pensada a partir de um movimento de busca por meio dos relevos presentes em elementos arquitetônicos paredes de cômodos, pisos, madeira e outros materiais de construção) durante um deslocamento entre lugares privados (cômodos característicos de uma casa) e lugares de convivência pública (ruas da cidade e áreas ligadas ao campus da universidade). Ou seja, diferente da gravura convencional, a matriz não é construída do zero, mas sim várias matrizes vindas desses espaços: Corredores, salas, ruas, quintais etc.

A visualidade destes espaços é registrada no papel, com o auxílio da técnica de frottage, uma prática alternativa da gravura (linguagem visual) onde é registrado relevo de uma superfície. A gravação é feita com pigmentos de giz de cera colorido. A partir daí, os papéis são recortados em diversos fragmentos, onde alguns destes pedaços são carimbados com objetos (orgânicos e secos).

A última etapa da confecção do trabalho é a montagem do conjunto de papéis no espaço, onde é realizada uma instalação a partir da colagem de cada fragmento que se espalha na parede e chão.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho consiste em quatorze (14) fragmentos de papel de formatos e tamanhos variados, onde são registrados um tipo de superfície arquitetônica (Paredes, porta, pisos, ladrilhos, madeira, etc) em cada uma. Em situações mais comuns, como sugere BLAUTH, o artista gravador prepara uma matriz de material específico, de acordo com a técnica. Como na xilogravura, por exemplo, onde seria uma placa de madeira, entretanto, neste caso, é feito do próprio mundo urbanizado a matriz do trabalho onde se fará a impressão no papel.

A materialidade da gravura nos leva a pensar sobre as características matéricas das superfícies presentes em seus diferentes meios. Também podemos refletir sobre até que ponto um pedaço de madeira ou uma placa de metal podem ser consideradas indiferenciadas, devido ao fato de não terem sofrido a interferência do corte pela incisão ou mesmo pela ação do ácido. Num sentido amplo, qualquer superfície pode ser utilizada como matriz, considerando as diferentes rugosidades, texturas, marcas gravadas pela ação do tempo, pela natureza ou mesmo um objeto do cotidiano. Essas matrizes-objetos encontradas poderão enfatizar grafias oriundas do objeto, evocar questões gráficas que ampliam os conceitos da gravura tradicional. (BLAUTH; L. 2010)

---

<sup>1</sup> A frottage é uma técnica artística utilizada em 1925 por Max Ernst. Consiste em colocar uma folha de papel sobre uma superfície que possua relevo, e então, com o auxílio de um lápis ou giz, esfregar no papel até obter a imagem do objeto.

Cinco (5) dos fragmentos em papel estão carimbados por diversos objetos do cotidiano. Há um contraste visual entre a frottage, que é uma imagem gravada, colorida com giz de cera, em contraste com o carimbo que é manchado e preto, o que ajuda a distinguir visualmente as camadas de elementos visuais.

O objetivo é creditar a discussão dos ambientes do cotidiano reforçando a reprodução de imagem de utensílios domésticos diversos (tesoura, cabo, prendedores etc.), bem como materiais orgânicos (plantas, folhas e galhos). Unir a marcação destes carimbos na materialidade do espaço. Como discute o geógrafo Yi-Fu Tuan:

Objetos que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra. A cultura afeta a percepção. No entanto, certos objetos, quer naturais ou feitos pelo homem, persistem como lugares através da eternidade do tempo, sobrevivendo ao apoio de determinadas culturas. Talvez qualquer grande aspecto na paisagem crie seu próprio mundo, o qual pode aumentar ou diminuir segundo o interesse momentâneo, sem perder inteiramente a sua identidade.

(TUAN; YI-FU, 1977)

Há uma relação paralela do trabalho realizado com os estudos de obras de Giuseppe Penone, realizados por DIDI-HUBERMAN, 2009, onde o mesmo reflete uma relação da técnica da frottage com fazeres da arqueologia, fósseis de gestos, tempos breves (rastros de animais), tempos longos (formações geológicas), endurecidos como em carvão. Dessa maneira, a técnica utilizada mescla-se com a temática relacionada aos lugares.

Os fragmentos de papéis são afixados em um espaço físico, ou seja, o que também torna a obra em uma instalação artística, colocando o trabalho no campo ampliado da gravura, uma vez que está transitando entre duas linguagens visuais. Questões estudadas por VENEROSO, 2012.

Se a espacialidade é marcada por um ambiente tridimensional aberto e vasto, então o lugar seria um local específico, mais restrito com suas respectivas características. De acordo com o historiador CERTEAU; MICHEL, o objeto como um corpo no espaço é uma das formas de determinar uma oposição entre espaço e lugar.

Por fim, a montagem do trabalho se dá pela colagem dos fragmentos unidos na parede e no chão do ambiente (processo onde a gravura também se torna uma instalação). Por ser de dimensões variáveis, pode ser montado em qualquer outro espaço com arquitetura presente, garantindo também uma versatilidade na apresentação.

### 3. CONCLUSÕES

A partir das discussões abordadas anteriormente, eis nessa produção artística uma combinação de reflexões sobre o espaço e o lugar habitado, junto de estudos relacionados à gravura contemporânea, pensando reinvenções para além do seu padrão tradicional, unificando gatilhos poético-visuais com detalhes técnicos que compõem as obras de arte bidimensionais, em específico o ato de gravar e imprimir. Estudos do processo criativo integrados que são realizados em ateliê, instigados pelos professores de artes visuais.

Fundamentalmente, portanto, o objetivo da pesquisa é unificar questões técnicas da linguagem da gravura (e de fazeres artísticos) junto às provocações

poéticas de forma que haja uma conexão entre a imagem, o formato e a exposição dessa gravura. Para além disso, refletir sobre as imagens remetentes ao território, o espaço, o lugar e o cotidiano.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIDI-HUBERMAN, G. **Ser-crânio**. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- VENEROSO, M. C. F. O campo ampliado da gravura: Suas interseções e contrapontos com a escrita e a imagem no contexto da arte contemporânea. **Revista Porto Arte**, Porto Alegre, v.19, n. 32, p. 85 - 102, 2012.
- TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- BLAUTH, L. Gravura contemporânea: gravações e impressões entre cheios e vazios. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 41-57, 2010.